

A presença de Ferdinand de Saussure nas reflexões bakhtinianas: entrelinhas de um diálogo (im)possível

Kelli Machado da Rosa¹

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, RS, Brasil

Resumo: Neste artigo, proponho uma leitura das obras de Mikhail Bakhtin e do Círculo, buscando identificar diálogos, mais ou menos explícitos, com Ferdinand de Saussure. A exposição percorre dois pontos: o princípio dialógico da linguagem nas elaborações teóricas do Círculo e os fundamentos da relação eu-outro; a menção a Ferdinand de Saussure nas discussões do Círculo e os desdobramentos desse diálogo em termos conceituais. O objetivo geral é aproximar o pensamento de dois grandes expoentes na área dos estudos da linguagem, Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin e o Círculo, estabelecendo um diálogo, a partir das entrelinhas teóricas, em duas dimensões. A primeira se refere à crítica do Círculo endereçada ao pensamento saussuriano, considerando os aspectos históricos envolvidos na leitura da obra de Saussure pelos teóricos russos. Já a segunda diz respeito à contrapalavra atual, que encontra terreno fértil nos dois pensamentos, aprofundando as reflexões sobre língua e discurso.

Palavras-chave: Estudos bakhtinianos; Ferdinand de Saussure; Alteridade; Língua; Discurso.

Title: The presence of Ferdinand de Saussure in Bakhtinian theories: details of an (im)probable dialogue

Abstract: In this article, I offer a possible interpretation of Mikhail Bakhtin and his Circle's writings, seeking to identify more or less explicit dialogical relationships with Ferdinand de Saussure. My exposition comprises two aspects: the dialogical principle of language in the theories of the Bakhtinian Circle and the fundamentals of the self-other relationship; the mentioning of Ferdinand de Saussure in the discussions held by the Circle and the effect of such dialogue in a conceptual manner. This research aims to approximate the thought of two renowned authors in the area of language studies, Ferdinand de Saussure and Mikhail Bakhtin, along with his Circle, establishing a dialogue based on tacit theoretical details in two dimensions. First, regarding the Circle's criticism towards Saussurian perspective, considering historical aspects embedded in the reading of Saussure's work by the Russian thinkers. Second, the contemporary counterword and its prolificity in both theories, deepening the reflexion regarding language and discourse.

Keywords: Bakhtinian studies; Ferdinand de Saussure; Alterity; Language; Discourse.

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (PPGLEtras/FURG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6664-4912>. E-mail: klro.rib@gmail.com.

Introdução

Os estudos da linguagem, na contemporaneidade, tiveram sua complexidade ampliada e ressignificada como campo no contexto das Ciências Humanas. A linguagem, vista como subjetividade humana e social, pode ser construída sobre bases epistemológicas sólidas, calcadas em todo o percurso que a Linguística construiu, desde Ferdinand de Saussure e seu recorte metodológico. Assim, surge a necessidade não só de debruçar-se sobre o pensamento do mestre genebrino mas também de colocá-lo em diálogo com outros estudiosos que também contribuem para a construção das bases epistemológicas do que, hoje, conhecemos por Linguística.

Esse diálogo permite o aprofundamento das reflexões sobre a linguagem e as suas relações com diversos fenômenos sociais e históricos, articulando o âmbito repetível e sistemático da língua ao irrepetível, relativo ao uso da língua. Nessa senda, chama-me a atenção o potencial teórico e metodológico de contemplar a língua como fenômeno que comporta não só a repetibilidade sistemática de regras de natureza virtual e cognitiva, mas também o movimento dialógico desse sistema, de natureza intersubjetiva e social. Esse debate é possível e intensifica-se após a descoberta de um novo e extenso conjunto de manuscritos popularizados por meio da publicação dos *Escritos de linguística geral* (ELG), editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler.

Pensando em tais questões, neste artigo, proponho uma leitura das obras de Mikhail Bakhtin e do Círculo², buscando identificar diálogos, mais ou menos explícitos, com Ferdinand Saussure. De antemão, destaco que não me deterei à mera comparação entre os estudiosos, visto que esse movimento já tem sido empreendido por diversos pesquisadores da área. Minha intenção é tentar extrapolar a comparação, sugerindo novas lentes para o diálogo entre os pensadores, observando as especificidades e as diferenças como bases fundantes de um estudo que coloca a intersubjetividade humana no centro do debate.

Brait (2016) considera que o conjunto de trabalhos sobre Ferdinand de Saussure demonstra o status inegável do mestre como “criador de discursividade”, visto que foi “instaurador de discurso científico singular, fundador de uma nova forma de pensar a língua e a linguagem” (Brait, 2016, p. 92). Por isso, ponho em destaque a importância de debater esse pensamento em articulação com o objetivo de aproximar o pensamento desses dois grandes expoentes na área dos estudos da linguagem, estabelecendo um diálogo, a partir das entrelinhas teóricas, em duas dimensões.

A primeira dimensão se refere à crítica do Círculo endereçada ao pensamento saussuriano, considerando os aspectos históricos envolvidos na leitura da obra de Saussure

² A designação “Círculo de Bakhtin” se refere a um grupo de estudiosos, de diversos campos do conhecimento, que travaram intenso debate sobre a complexidade social da linguagem humana. Havia, no grupo, biólogo, pianista, filósofo, professor, entre outros estudiosos. As ideias essenciais que perpassavam as obras dos estudiosos eram a preocupação com a filosofia e a reflexão sobre a linguagem. Os principais nomes representantes das ideias linguísticas do Círculo eram Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédév (Faraco, 2009). Tomo, neste artigo, as ideias do Círculo construídas em conjunto, mas me refiro às autorias explicitadas nas edições consultadas.

pelos teóricos russos. A segunda dimensão diz respeito à contrapalavra atual que encontra terreno fértil nos dois pensamentos, para aprofundar as reflexões sobre signo (linguístico e ideológico), sentido e discurso.

Para tal empreendimento, divido o presente artigo em duas partes, seguidas das ponderações finais. Na primeira, faço uma breve contextualização do princípio dialógico da linguagem, explorando conceitos bakhtinianos como enunciado, signo, palavra e discurso. Na segunda, proponho uma discussão sobre a presença de Saussure nas obras do Círculo, destacando pontos de aproximações e de distanciamentos entre os pensadores.

O princípio dialógico da linguagem: de onde partimos para pensar sobre o sistema da língua?

É possível iniciar esta reflexão com o seguinte questionamento: de que forma a noção de diálogo empreendida pelo Círculo contribui para as discussões que envolvem o *dado* e o *criado* no movimento dialógico da interação social? A amplitude do pensamento de Bakhtin e do Círculo nos mostra que a linguagem é vista como um diálogo (in)concluso e inacabável, pois parte de diversas enunciações já ditas no meio social, encontrando um locutor que lhe dará um novo sentido (Volóchinov, 2017). Para o Círculo, a ideia de diálogo é calcada sob a égide da singularidade do existir humano, ou seja, cada sujeito, situado em seu centro de valor, instaura-se no processo dialógico da interação responsiva, concordando e/ou discordando com os/dos pontos de vista dos outros, constituindo-se como sujeito na tensão de vozes que derivam desse movimento. Diálogo, então, não deve ser confundido, conforme muitas vezes difundido pelo senso comum, como consenso ou resolução de conflitos, visto que o componente primordial nesse processo é a ideia de confronto, de embate. Além disso, a partir da noção de diálogo construída pelos estudiosos russos, posso afirmar não haver limites para o contexto dialógico, assim como não pode haver nem a primeira nem a última palavra proferida.

Conforme Paula e Luciano (2020, p. 16), “a epistemologia dialógica bakhtiniana se calca numa espécie de ontologia da incompletude”. Assim, “o enunciado, como o ser, possui acabamento, mas não é o mero ponto final que o acaba (não no sentido de findar o texto, mas a enunciação, infinita” (Paula; Luciano, 2020, p. 16). Desse modo, iremos nos centrar na ideia de incompletude, aliada à ideia de relação. Essas noções parecem ser a chave para que compreendamos as relações entre o repetível e o irrepetível no movimento dialógico da linguagem.

Nesse sentido, Di Fanti (2009), no *Dicionário de Linguística da Enunciação*, ao definir diálogo na perspectiva bakhtiniana, afirma ser este uma “propriedade constitutiva de todo o discurso que pressupõe comunicação com outros discursos e o discurso do outro independentemente da estrutura dos enunciados” (Di Fanti, 2009, p. 81). A linguagem, nesse escopo, instaura, incondicionalmente, a presença do outro, sendo o local de movimentos dialógicos de identidade/alteridade entre sujeitos e discursos.

De acordo com Ribeiro (2015, p. 28), “esse princípio de encontro com o outro nas situações de comunicação é observado em diferentes reflexões do Círculo”, ou seja, em

diversos momentos, Bakhtin desenvolve a ideia de linguagem sob o sustentáculo da alteridade. Conforme a autora, a relação sempre tensa entre eu-outro, locutor-interlocutor é, nessa ótica, um lugar de encontro, mas um encontro social e, por natureza, dialógico. O locutor e o interlocutor constroem, cada qual, um universo de valores em que ambos atribuem sentidos às enunciações (Ribeiro, 2015).

Bakhtin (2003, p. 379) afirma que o eu vive em um mundo repleto de palavras do outro, e toda a sua vida “é uma orientação nesse mundo”. A palavra do outro coloca diante do eu a tarefa de compreendê-la e, mais ainda, a tarefa de atribuir-lhe uma contrapalavra (Bakhtin, 2003). Podemos, então, nesse sentido, pontuar alguns alicerces que fundamentam o pensamento proposto nas obras do Círculo e que são, de certa forma, questões de suma importância para as pesquisas que envolvem o sujeito, sua linguagem e a sociedade.

A primeira questão apontada – e que, talvez, arrisco-me a afirmar ser o elemento-base de todos os conceitos bakhtinianos – é a visão dialógica da vida. Muito desse entendimento advém de Martin Buber (1878-1965), o qual compreende o diálogo sob a égide da relação eu-tu/eu-isso, pensando na totalidade, nos desdobramentos e na reciprocidade dessa relação. Para Buber (2001), o indivíduo se torna *eu* somente na relação com o *tu*. Conforme o autor, “o face-a-face aparece e se desvanece, os eventos da relação se condensam e se dissimulam e é nesta alternância que a consciência do parceiro, que permanece o mesmo, que a consciência do EU se esclarece e aumenta cada vez mais” (Buber, 2001, p. 32).

Bakhtin e o Círculo aprofundam a discussão sobre a alternância desses sujeitos, constituídos na e pela linguagem, bem como pela ideologia, evidenciando que essas relações são singularmente inacabadas na totalidade do ser-evento. Assim, deslocando a visão para uma abordagem em que o diálogo inconcluso e a relação com o outro são o centro das reflexões, Bakhtin e o Círculo propõem uma visão de sujeito constituído face ao outro; ou seja, um sujeito que não se apresenta nem como reflexo do social, somente, nem como assujeitado, e muito menos como origem absoluta da sua expressão. O sujeito dos escritos do Círculo vive em permanente encontro dialógico; nasce, vive e morre na tensão das relações intersubjetivas.

O segundo ponto-alicerce desse pensamento ainda se refere ao sujeito e ao seu dizer e fazer. Perpassa todos os conceitos da obra do Círculo a ideia de responsabilidade, de não-álibi do/no ser, de unicidade do ser-evento. Isso significa dizer que todos os atos humanos são, necessariamente, constituídos por um comprometimento ideológico e valorativo único. Cada sujeito ocupa um lugar insubstituível no mundo, convivendo com outros sujeitos “únicos”, os quais apresentam, responsivamente, suas posições avaliativas. No entanto, a singularidade do ser, a posição única diante da vida e a característica de ser insubstituível no mundo convivem em relação dialógica com o outro e com suas iguais unicidades, não no sentido de um “conjunto de únicos”, mas como um *tecido social*, no qual as unicidades e singularidades se constituem reciprocamente, em constante tensão. Aliás, conforme Ribeiro (2015), a tensão entre eu/outro é uma constante nas obras do Círculo, não só do ponto de vista filosófico no que tange ao sujeito mas também do ponto de vista da linguagem, dos

modos como o discurso do locutor encontra o discurso alheio e suas atitudes expressivas diante desse discurso outro, alheio.

Por fim, a terceira questão destacada como alicerce, advinda das duas anteriores, é a tensão dialética entre o que é repetível e o que é irrepitível; entre o singular e o coletivo; entre o dado e o novo. De acordo com Ribeiro (2015, p. 22), os estudos do Círculo “não polarizam essas questões, tampouco descartam a relativa estabilidade na vida do discurso”. Isso acontece com os conceitos de gêneros do discurso; enunciado e oração; signo ideológico e sinal; tema e significação; palavra minha, palavra alheia e palavra da língua; relações lógicas e dialógicas, dentre outros. Tais reflexões do Círculo revelam a maneira única de tratamento da linguagem postulada pelos pensadores, a qual se dá sempre levando em consideração a vida na linguagem, assim como todos os aspectos que envolvem o singular e a coletividade em relação (Ribeiro, 2015).

Nesse sentido, é possível pontuar esses aspectos engendrados entre o singular e a coletividades no que tange à formação dos sujeitos; por isso, não podemos escapar da reflexão sobre ato ético, postulada, principalmente, na obra *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2010). Compreendemos que ética, no escopo da teoria em foco, é um princípio que baliza as relações entre o sujeito e o mundo, implicando total responsabilidade do agir humano nessas relações. Na referida obra, o filósofo russo defende que “a minha comprovada participação no existir é não somente passiva (o prazer da existência), mas sobretudo ativa (o dever de ocupar efetivamente o meu lugar único)” (Bakhtin, 2010, p. 123). Mais ainda:

A expressão do ato, a partir do interior, e a expressão do existir evento único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra, isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena e única pode ser responsabilmente significativa: pode ser a verdade (*pravda*), e não somente qualquer coisa de subjetivo e fortuito (Bakhtin, 2010, p. 84).

Desse modo, é plausível ponderar que o ato seja o lugar no qual se engendram todos os domínios da atividade humana, posto que, fora desse ato, a realidade objetiva não poderia ser percebida, quiçá semantizada. Somente na totalidade do ato, na sua arquitetônica, o sujeito exerce plena participação no existir-evento, respondendo ativamente aos outros. A totalidade desse ato é um componente real, vivo, que, ao incorporar-se no conteúdo-sentido, materializa os diferentes domínios da atividade em sociedade. Essa materialização instaura o componente da responsabilidade no agir, dotando a subjetividade de uma natureza relacional inseparável do conteúdo vivencial e histórico. Conforme Bakhtin (2010, p. 44), “cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos meus atos que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto.” Nesse sentido, a vida como um todo integral pode ser considerada “uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir” (Bakhtin, 2010, p. 44).

Por isso, ao colocarmos as esferas da atividade humana como objetos de estudo na área da Linguística, precisamos refletir sobre a complexidade tanto do objeto quanto do olhar sobre esse objeto, entendendo que a contemplação do pesquisador é parte da arquitetônica de um ato ético. Bakhtin (2010, p. 66) afirma que “compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir-evento”, pressupondo a minha participação responsável nesse movimento do agir ético. Por isso, Bakhtin (2010, p. 84) destaca que “um evento pode ser descrito somente de modo participante”, e a atitude em relação a esse objeto é sempre de experimentação viva e concreta.

Ademais, quando se adentra nos caminhos que levam à compreensão da proposta do dialogismo, é imprescindível sublinhar o papel da entonação expressiva que acompanha todos os atos sociais que envolvem a linguagem e os sujeitos. A avaliação social é parte essencial do processo de refração de sentidos no signo ideológico. Medviédev (2012, p. 190) explica que a entonação “leva-nos além dos limites do enunciado para outra realidade”, ou seja, “a palavra é apenas um apêndice de outra presença”. Isso significa dizer que as palavras estão necessariamente ligadas aos diversos campos sociais, assim como aos julgamentos de valor, como se fossem apêndices dessas realidades sociais.

Na perspectiva do referido construto do Círculo, os enunciados vivos e concretos “refletem as condições específicas e as finalidades de cada campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem” (Bakhtin, 2003, p. 261) mas também por sua construção composicional. Segundo o pensador russo, todos esses elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – “estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003, p. 261).

Medviédev (2012, p. 200) elucida que a “realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social”, funcionando como um “conjunto de meios de orientação coletiva na realidade”. Essa orientação faz com que os sujeitos compreendam novos aspectos da realidade que os rodeia. Além disso, a orientação social do gênero se estabelece em via de mão dupla, conforme pontua Medviédev (2012). O autor esclarece que os gêneros se orientam tanto para os interlocutores quanto para a vida, “por meio do seu conteúdo temático” (Medviédev, 2012, p. 195). É possível entender que os gêneros discursivos se orientam sempre em relação dialógica com os acontecimentos dos sujeitos em sociedade, sendo que o conteúdo temático deixa entrever muitas dessas relações (Medviédev, 2012).

Tendo em vista essa orientação nas esferas sociais de comunicação, os gêneros do discurso se constituem de três elementos dinâmicos: forma composicional, estilo e conteúdo temático. Posto diferentemente, os gêneros possuem uma estrutura recorrente, com relativa estabilidade em função da individualização que o locutor lhes atribui a cada nova interação verbal, tendo em vista também o entrecruzamento com outros enunciados que circulam em determinada esfera da atividade humana, os quais influenciam a maleabilidade do gênero discursivo mobilizado. Por encontrar-se ligado, intrinsecamente, à vida e às atividades sociais

dos mais diversos tipos, o estilo articulado ao entrecruzamento de vozes se torna parte fundamental nesses processos de relativa estabilidade do gênero e de orientação para a realidade social.

É importante destacar que, quando os estudos bakhtinianos discutem a forma composicional, não estão propondo uma forma onde se fazem caber os discursos. A forma composicional de um gênero está ligada a uma forma arquitetônica, que dá contornos específicos aos enunciados. Essa arquitetônica envolve, segundo Brait e Pistori (2012, p. 378), o estudo do texto “por suas condições concretas de vida, suas interdependências, suas relações, suas posições dialógicas e valorativas”. Ademais, isso implica entender o estudo dos gêneros do discurso em sua totalidade, observando sua relação intrínseca com o meio social mais imediato e o mais amplo. Com efeito, compreendemos que os gêneros precisam ser estudados na esteira de suas tradições socioverbiais, a fim de que se entendam as relações dialógicas que estabelecem com os outros discursos que lhe precedem e que lhe sucedem.

Assim, os gêneros do discurso, no escopo das concepções propostas pelo Círculo, são conceituados como meios de compreensão e interação com a realidade; tais meios se organizam ao redor dos temas nas diferentes esferas da comunicação. A unidade temática de um gênero não pode ser confundida com o assunto, mas precisa ser vista como um elemento que faz parte desse tecido social do qual emerge o gênero. Conforme Medviédev (2012),

o tema transcende sempre a língua. Mais do que isso, o tema não está direcionado para a palavra, tomada de forma isolada, nem para a frase e nem para o período, mas para o todo do enunciado como apresentação discursiva. O que domina o tema é justamente esse todo e suas formas, irredutíveis a quaisquer formas linguísticas. O tema de uma obra é o tema do todo do enunciado, considerado como determinado ato sócio-histórico. Por conseguinte, o tema é inseparável tanto do todo da situação do enunciado quanto dos elementos linguísticos (Medviédev, 2012, p. 196).

Analisando esse trecho, depreendo que o tema de um gênero sempre tem origem a partir da vida, das situações sociais nas quais os sujeitos interagem socialmente. Por isso, um tema sempre está ligado a outros temas, sendo inseparável desse elo dialógico no qual ele surge, bem como do aspecto temporal e espacial imbricados nesse processo. Por fim, compreendo o tema para além da sua dimensão linguística, conforme postula Medviédev no trecho destacado. O tema se materializa nos elementos semânticos da língua, sendo, portanto, inseparável da dimensão semântica e ideológica dos temas sociais originados nas esferas da atividade humana.

Nessa perspectiva, o estilo também participa do processo dialógico de movimentação discursiva de temas que orientam o tecido social. O locutor, ao mobilizar determinado gênero, atualiza e ressignifica tanto a forma composicional, dependendo do gênero, quanto a unidade temática, com sua posição axiológica. Faraco explica que o Círculo de Bakhtin, em diversas obras, refere-se ao estilo do locutor como um elemento construído a partir de um julgamento social de valor, isto é, “as seleções e escolhas são primordialmente tomadas de posição axiológicas frente à realidade linguística”, considerando uma gama de vozes sociais que avaliam um mesmo objeto (Faraco, 2009, p. 137).

Ao cabo desta seção, é notável que o princípio dialógico postulado pelo Círculo ancora reflexões mais aprofundadas sobre a linguagem e seu funcionamento no corpo social, tendo em vista a sempre tensa relação entre o que é dado (elementos repetíveis do sistema) e o que é criado (ressignificação axiológica do sistema posto em uso). Por isso, discutir as noções de língua, discurso e sentidos é bastante complexo, já que, de um lado, há o uso da língua, individual, mas sempre em relação de alteridade e, de outro, os enunciados seguem uma repetibilidade própria de cada ação languageira, que é, ao mesmo tempo, dinâmica.

A presença de Ferdinand de Saussure no Círculo de Bakhtin: da língua ao discurso

Início esta seção sublinhando uma questão de suma importância para o debate aqui proposto: não tomarei a presença das elaborações saussurianas nas obras do Círculo como objeto de rejeição por parte dos teóricos russos. Para Brait (2016), as ideias de Saussure aparecem no Círculo como um “contraponto epistemológico necessário à constituição da argumentação bakhtiniana” (Brait, 2016, p. 96). Seguirei, pois, nessa entrelinha do debate.

Indubitavelmente, Bakhtin e o Círculo propuseram uma inédita discussão em torno da linguagem e de suas relações com a ideologia. Assim, compreendemos que a preocupação do Círculo seria, então, pensar um estudo da linguagem que tivesse como foco a interação verbal e que não reduzisse a língua a uma mera ferramenta, alijada de sua realidade social e, portanto, privada de história e de relações ideológicas. Nesse contexto, para Volóchinov (2017), as formas seriam parte indispensável nesse processo, pois o locutor, sujeito sócio-historicamente localizado, compartilha de um sistema do qual todos da comunidade podem lançar mão e, então, elaborar um novo sentido à forma utilizada.

Na verdade, forma, contexto enunciativo e locutor, em relação ao outro, estão tão unidos no discurso que, excluindo um ou outro aspecto, corremos o risco de excluir partes importantes em uma análise. A partir dessa ótica, ponho em destaque que as formulações propostas pelo Círculo não tinham a intenção de desprezar a forma linguística, tomada como sistema de regras, visto que, para pensar o discurso, o enunciado e o signo ideológico, seria preciso discutir aspectos da relação intrínseca entre repetibilidade e irrepetibilidade, fenômeno próprio da enunciação.

Para aprofundar as discussões em torno da complexidade que envolve o objeto da filosofia da linguagem, Volóchinov (2017) chama a atenção para duas vertentes da Linguística que, à época, predominavam: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato. Para Volóchinov (2017, p. 148), “a primeira tendência [o subjetivismo individualista] analisa o ato discursivo individual e criativo como fundamento da língua”. Nela, predomina o foco no psiquismo individual como fonte da língua, vista como atividade, advinda de um processo ininterrupto de criação. Humboldt, Wundt e Vossler são apontados por Volóchinov (2017) como os principais representantes desse pensamento.

Já a segunda tendência, o objetivismo abstrato, tem como seu principal representante o mestre genebrino Ferdinand de Saussure. Conforme Volóchinov (2017, p. 155), “se para a primeira tendência a língua é um fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece

estável e idêntico a si mesmo, para a segunda tendência a língua é um arco-íris imóvel que se ergue acima desse fluxo”. O autor ressalta ainda que o “centro organizador de todos os fatos da língua” situa tal orientação com o olhar voltado para o sistema linguístico, isto é, “o sistema das formas fonéticas, gramaticais, e lexicais da língua” (Volóchinov, 2017, p. 155).

Vale destacar que a crítica feita diretamente a Saussure em *Marxismo e filosofia da linguagem* pode ser problematizada em dois pontos: o primeiro ponto é que Volóchinov traz à baila as duas tendências para mostrar que sua direção era justamente pensar na articulação entre o sistema (inegável por ele), o ato individual de enunciação e os aspectos ideológicos. Barbisan e Di Fanti (2010, p. 08), nessa direção, afirmam que “o diálogo estabelecido entre o Círculo de Bakhtin e Saussure não se restringiu a uma crítica inconsequente, no sentido de refutar e ignorar as contribuições saussurianas sobre o estudo da língua”.

Entendo que o diálogo (tenso) que Bakhtin e o Círculo propõem aos postulados de Saussure constitui a possibilidade, seguindo as palavras de Barbisan e Di Fanti (2010, p. 08), de uma “construção de reflexões referentes à natureza dialógica da enunciação e da linguagem”. Portanto, ao evidenciar esse diálogo, mostro que forma linguística, acento de valor e uso da linguagem são elementos indissociáveis e interdependentes na construção de sentidos na enunciação, ampliando-se, assim, as possibilidades de investigação da área dos estudos do discurso, no interior do campo da Linguística.

Outrossim, essa indissociabilidade fica impressa em alguns conceitos elaborados em obras do Círculo, como *Marxismo e filosofia da linguagem* [1929], *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963], *A teoria do romance* [1975] e *Estética da criação verbal* [1979]. Em tais elaborações, uma marca primordial é a visão dialógica da forma linguística, que proponho no artigo *Por uma visão dialógica da forma: contribuições do Círculo de Bakhtin para os Estudos da Linguística* (Ribeiro, 2018). A forma linguística é posta nas reflexões do referido artigo como um elemento essencialmente relacional, imerso nos liames alteritários próprios da linguagem e do ser humano.

Por isso, vamos às entrelinhas de alguns conceitos bakhtinianos que se pautam na visão dialógica da forma, a fim de mostrar o hermético processo de produção de sentidos na e pela linguagem. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (1999) explica que as relações lógicas (relações entre os elementos fonéticos, lexicais, sintáticos e semânticos) se tornam relações dialógicas no momento em que se materializam, recebendo um autor e sua posição avaliativa. Nesse sentido, ocorrem relações dialógicas entre “enunciações integrais (relativamente)” e, ainda, relações dialógicas entre pontos de vista sobre o objeto do discurso (Bakhtin, 1999, p. 210).

Ribeiro (2018, p. 104) sublinha que “no campo discursivo, o locutor e o interlocutor constroem, cada qual, universo de valores, em que ambos atribuem sentidos às enunciações”. Assim, “a relação de alteridade entre os discursos e os sujeitos caminha ao lado da noção de dialogia, pois não se concebe a produção de linguagem sem a consideração do outro, da resposta ativa do outro” (Ribeiro, 2018, p. 104). Desse modo, só há relações dialógicas quando há a concretude da interação verbal, na qual o sistema da língua (relações lógicas), plasticamente, constitui o sentido, sendo por ele também constituído.

Essa concretude da interação verbal parece ser pressuposta também quando tratamos das relações sintagmáticas e paradigmáticas no *Curso de Linguística Geral*. As relações sintagmáticas são relações no plano do discurso, baseadas no caráter linear da língua. Essas combinações se apoiam na extensão, sendo chamadas de sintagma. Já as relações associativas ou paradigmáticas são formadas por associação mental de termos possíveis na língua, fora do plano do discurso, no eixo das possibilidades (Saussure, 2012). Pensando na constituição das relações lógicas proposta por Bakhtin, é possível aproximá-las, num primeiro momento, ao patamar do eixo paradigmático, que é o plano das associações mentais do sistema abstrato e, num segundo momento, ao patamar das relações sintagmáticas, no qual acontece o movimento alteritário do locutor, responsivamente orientado ao outro, o qual é materializado na linguagem e, conseqüentemente, no sintagma, plano em que um elemento é posto adiante do outro, de modo linear na cadeia desse sintagma. A questão nos dois autores é que o sistema linguístico está imbuído de relações alteritárias e constitutivamente humanas, sendo que o uso está intimamente ligado ao funcionamento dessas relações no sistema. O que diferencia Saussure e Bakhtin é, justamente, o recorte que os autores fazem da língua e do uso em suas elaborações teóricas.

Quando a palavra é colocada no centro do debate bakhtiniano, é sempre pensada no âmbito do uso e das relações que promove entre os sujeitos. Por isso, a palavra é recebida de outrem repleta de vozes, penetrada por avaliações e julgamentos. De acordo com Bakhtin (1999, p. 203), a palavra “nunca basta a uma consciência, a uma voz”. Tais vozes sociais, que penetram a palavra, revelam as mais tensas relações sociais em todos os gêneros e esferas discursivas. Forma-se, na palavra, um campo de refrações dos eventos sociais, das avaliações já ditas, já contestadas.

Por meio das diversas vozes que tocam um signo ideológico, em todas as dimensões das relações dialógicas, sentimos a dupla orientação do discurso, sendo a palavra o território comum do falante e do ouvinte. A palavra é comum ao locutor e ao interlocutor, pois ela é partilhada socialmente, resultando da necessidade de uma ordem, ou seja, de uma organização de falantes em uma determinada comunidade (um país, uma região, por exemplo) para existir a interação entre os envolvidos no processo. A palavra, nesse contexto, é retirada ainda “quente” da participação sócio-histórica, atravessada por inúmeras entonações, avaliações e submete-se ao estilo e a uma “unidade dinâmica” da obra.

No entanto, tal processo não é privilégio apenas do gênero romanesco (Bakhtin, 2015). Todo o discurso, em nossas práticas cotidianas, nasce da palavra retirada dos já-ditos, ou seja, palavras entrecruzadas de valores ideológicos, acentos alheios, avaliações sociais das esferas discursivas da comunicação. Ao tratar do heterodiscurso intrínseco à vida da língua, Bakhtin (2015, p. 41) afirma que “a língua única exprime as forças da unificação verboideológica concreta e da centralização que ocorre numa relação indissolúvel com os processos de centralização sociopolítica e cultural”. Ou seja, ao admitir a estratificação da língua em linguagens socioideológicas, Bakhtin não nega a existência de forças centralizadoras (centrípetas) que atuam no conflito das forças centrífugas no heterodiscurso. Para Bakhtin,

A estratificação e o heterodiscurso se ampliam e se aprofundam enquanto a língua está viva e em desenvolvimento; ao lado das forças centrípetas segue o trabalho incessante das forças centrífugas da língua, ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de descentralização e separação (Bakhtin, 2015, p. 41).

A língua tal como é postulada por Bakhtin, nesse caso, admite pelo menos dois movimentos dialógicos complementares: um movimento de estabilizar algo que seja multiforme, variável e dinâmico e um movimento outro de pressupor a expansão que advém do uso dessa língua.

Tal movimento também é verificável nos postulados do *Curso de Linguística Geral*, quando se trata de um dos princípios da língua: o da mutabilidade e da imutabilidade. De acordo com Saussure (2012, p. 114), “o tempo que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar rapidamente os signos linguísticos”. Nesse sentido, tem-se, na imutabilidade, a fixidez das regras do sistema, na qual há a resistência do tempo, ou seja, a herança de uma época precedente. Já na mutabilidade, há a ação do tempo e do uso, ocorrendo, nesse movimento, diferentes deslocamentos e relações entre significado e significante, o que reforça o princípio da arbitrariedade do signo. Ao cruzar os dois pensadores aqui em cotejo, é possível associar a noção de imutabilidade à noção de forças centrípetas, as forças centralizadoras da vida da língua, e a noção de mutabilidade à de forças centrífugas, as forças descentralizadoras da vida da língua.

É importante destacar que tanto a mutabilidade e imutabilidade quanto as forças centrípetas e centrífugas são processos interdependentes que aparentemente podem se contradizer, mas o movimento é dialogicamente intrínseco ao sistema: os sujeitos utilizam a língua com regras fixas que passam de geração em geração e o uso impõe forças que compelem esse código à mudança. Não é o falante sozinho que o modifica, mas o uso, ao longo do tempo, na coletividade, movimenta as relações entre significado e significante no todo do sistema.

No mesmo caminho, Bakhtin (2016) apresenta três aspectos da palavra em relação ao sistema e em relação ao locutor: a palavra da “língua”, a “alheia” e a “minha”. A palavra da “língua” não pertence a ninguém, ou seja, está em potencial de significados, visto que ainda não foi entoada por um locutor. A “alheia” pertence aos outros, isto é, vozes de outros, enunciados já proferidos. Por fim, a palavra é considerada “minha” no momento em que o locutor opera com esse signo, nele inserindo seu ponto de vista sobre o mundo (Bakhtin, 2016, p. 53).

Tanto na reflexão sobre as forças centrípetas e centrífugas da língua quanto nas reflexões sobre os aspectos da palavra há o componente da forma linguística subordinada ao uso e à complexidade dos usuários da língua. Aliás, Bakhtin (2016), nessas discussões, possui clara preocupação em explicar a natureza do enunciado e não consegue se desvincular do caráter sistemático da língua que subjaz aos processos enunciativos. Nessa senda, o pensador russo advoga que a língua enquanto sistema contém “uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicos

(os respectivos casos, pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações)” (Bakhtin, 2016, p. 68).

Voltando ao *Marxismo e filosofia da linguagem*, é possível visualizar uma centralidade do pensamento do Círculo em buscar entender a complexidade da enunciação, considerando aspectos formais da língua e aspectos valorativos próprios do uso. Para tanto, Volóchinov (2017) faz a distinção entre sinal e signo, na qual o reiterável (aspecto gramatical) seria o sinal, e o mutável, o signo (no caso, ideológico). Nesse contexto, Faraco (2009, p. 107) considera que “o plano da sinalidade é parte constitutiva do plano da significação do enunciado”, ou seja, o sentido do enunciado comportaria duas dimensões inalienáveis: a significação “dada pela estrutura (reiterável e sempre igual)” e a significação “dada pela enunciação (o sempre mutável e adaptável)”. Conclui o autor que “o mesmo sinal” passa pelo processo de enunciação e torna-se “outro signo”.

No entanto, Volóchinov (2017) explica que é impossível haver a pura sinalidade, ou seja, o uso da forma despida do valor contextual não é possível, nem mesmo na fase de aquisição da linguagem pela criança, pois, até nesse caso, o uso do sinal é orientado pelo e para o contexto.

No movimento de contraste, a sinalidade pode ser vista em Saussure nas explicações que o mestre genebrino oferece sobre o signo linguístico. Nessas explicações, Saussure delimita o significado e o significante como partes indissociáveis do signo. De acordo com Saussure (2012, p. 106), “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Ressalta ainda que o signo tem caráter psíquico, ou seja, trata-se de imagem abstrata tanto acusticamente quanto conceitualmente. O signo linguístico, então, apresenta duas faces: o significado (conceito) e o significante (imagem acústica).

Nesse ponto, também convém destacar que a relação intrínseca entre forma e sentido é alvo de elucubrações nos *Escritos de Linguística Geral*, em que Saussure trata da identidade das formas e do emprego, destacando que seria equivocado “pensar que há, em algum lugar, formas (que existem por si mesmas, fora de seu emprego) ou, em algum lugar, ideias (que existem por si mesmas, fora de sua representação)” (Saussure, 2002, p. 32).

Na atmosfera dessa junção entre formas e ideias, há em Saussure a formulação da ideia de valor que, para o mestre genebrino, equivale às relações de diferença que dado signo estabelece com outros signos no sistema. Para Bakhtin, a relação de sentido extrapola esse encontro entre signos no amálgama do sistema, estendendo-se para as relações ideológicas que penetram essas formas, deixando ecos de acentos apreciativos dos sujeitos usuários da língua.

Tais discussões permitem constatar que, no contexto da teoria bakhtiniana, a relação entre as formas da língua e o enunciado concreto se constrói tendo como base uma orientação apreciativa. De acordo com Ribeiro (2018, p. 112), há uma evidente “tríade” de propriedades do signo ideológico em uso: “significação (elementos formais da língua), tema (sentido de uma enunciação concreta) e entonação/acento apreciativo (posição tomada pelo sujeito que enuncia)”. Pensando nessa tríade, posso afirmar que sua arquitetônica se dá pelas “relações

dialógicas de alteridade e atravessada pela diversidade de vozes sociais que emergem a partir dos signos” (Ribeiro, 2018, p. 112).

Nesse ponto, creio ser concebível atentar para o papel do aspecto relacional e alteritário que está subjacente ao sistema da língua, assim como está nas relações sociais entre os sujeitos em interação. Desse modo, é possível explicar de que forma, ao longo do tempo, Saussure é colocado como embrião das teorias da enunciação e do discurso.

Teixeira e Flores (2011) frisam que Saussure seria o fundador *stricto sensu* da Linguística da enunciação, mas sua posição é externa ao campo. Os autores enfatizam que “todos os autores da enunciação se reportam à famosa dicotomia *langue/parole*, à noção de sistema e à de valor” (Teixeira; Flores, 2011, p. 407). Além disso, “esses conceitos/noções foram reinterpretados, modificados e mesmo alargados no quadro das teorias enunciativas” (Teixeira; Flores, 2011, p. 407). No entanto, os autores sublinham que Saussure não fazia linguística enunciativa. Advogo, neste trabalho, que essa ideia embrionária atribuída a Saussure pode ser compreendida desde o CLG, como coloquei em evidência nesta seção, e aprofundada nos ELG, principalmente nas noções de valor e sentido e nas Notas sobre o Discurso.

Nos ELG, encontramos a seguinte nota:

A língua só é criada em vista do discurso, mas o que separa o discurso da língua ou o que, em dado momento, permite dizer que a língua entra em ação como discurso? Os vários conceitos estão ali, prontos na língua (ou seja, revestidos de uma forma linguística), tais como boef, lac, ciel, rouge, triste, cinq, fendre, voir. Em que momento ou em virtude de que operação, de que jogo que se estabelece entre eles, de que condições, esses conceitos formarão o DISCURSO? A sequência dessas palavras, por mais rica que seja, pela ideia que evoca, indicará apenas, para um indivíduo humano, que um outro indivíduo, ao pronunciá-las, quer lhe comunicar alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a ideia de que se quer comunicar alguma coisa usando termos que estão disponíveis na língua? É uma questão igual à de saber o que é o discurso, sendo que, à primeira vista, a resposta é simples: o discurso consiste, quer seja de maneira rudimentar e por vias que ignoramos, em afirmar uma ligação entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos da forma linguística, enquanto a língua realiza, anteriormente, apenas conceitos isolados, que esperam ser postos em relação entre si para que haja significação de pensamento (Saussure, 2004, p. 237).

Vários elementos podem ser destacados nesse trecho, mas focalizo a questão de que a noção de discurso está intrinsecamente relacionada ao sistema da língua, a ponto de o ato de significar ser necessariamente atrelado ao movimento sistema-sujeito-discurso. Barbisan (2017, p. 164), ao debruçar-se nessa nota, afirma que “se os signos da língua, isto é, conceitos revestidos pela forma linguística, são dotados da propriedade de significar e de se relacionar com outros signos, então os signos da língua, por sua própria natureza, contém neles o discurso”. Outrossim, há na inscrição da natureza da linguagem algo predisposto ao uso e, portanto, ao manejo de relações de sentidos.

Em Bakhtin, no texto *Apontamentos 1970-1971*, encontramos uma reflexão semelhante, a qual podemos cotejar com as ideias da nota saussuriana. Bakhtin, nesse texto, discute sobre diferentes temas que perpassam o conjunto de sua obra – dentre esses,

destacam-se as relações dialógicas entre os enunciados concretos. Assim, Bakhtin (2003, p. 374) afirma que existem três tipos de relações: as do primeiro tipo acontecem entre os objetos, ou seja, entre coisas, entre fenômenos físicos, fenômenos químicos, relações causais, matemáticas, lógicas, linguísticas; as do segundo tipo ocorrem entre o sujeito e os objetos; e, por fim, as do terceiro tipo se desenvolvem entre sujeitos, ou seja, são pessoais, éticas, sociais, enfim, relações dialógicas entre os enunciados.

Ribeiro (2018) afirma que essa divisão em “relações” elaborada por Bakhtin permite considerar que, como se trata de “relações”, existe uma interdependência semântica constitutiva entre elas. Associando-se à nota saussuriana, a ideia de sistematicidade é notável, relacionando-se ao uso da língua e à relação entre sujeitos. É possível assimilar esses sentidos analisando o terceiro tipo de relação (entre sujeitos), por exemplo. Os sujeitos participantes da interação social (3º tipo de relação) entram em relação com o objeto e, sobre esse objeto, por sua vez, pressupomos que ele já tenha estabelecido relações, que, num sentido saussuriano, estariam no nível do sintagma e do paradigma. Discursivamente, nessa perspectiva, o sujeito falante entra em contato com sua língua (2º tipo de relações), que, por si só, já se apresenta a ele com seus elementos relacionados, por meio de sua organização morfológica, sintática e semântica (1º tipo de relações).

Tal sujeito, então, está preparado para manter diversas relações sociais e culturais com outros sujeitos falantes (3º tipo de relações), fazendo com que as relações entre língua e discurso se aprofundem, se transformem-se e se ressignifiquem-se no decorrer das interações verbais, tal como preconiza tanto Bakhtin, quanto Saussure, cada qual com seu recorte metodológico no âmbito dos estudos da linguagem.

Ponderações finais

Finalizo este artigo compreendendo que Bakhtin e o Círculo não desconsideraram o procedimento da Linguística de fazer o recorte metodológico do objeto “língua”, o qual deixara de lado, num primeiro momento, aspectos de ordem concreta da vida do discurso. A crítica feita a Saussure é realizada no sentido de ampliar e aprofundar uma preocupação com questões mais abrangentes, que envolviam a linguagem em variadas esferas da atividade humana. Assim, entendo o diálogo com Ferdinand de Saussure como alavanca que desencadeia aprofundamento de ideias, as quais vão perpassar as obras do Círculo em diferentes momentos no tempo-espço, revelando a riqueza conceitual que, até hoje, é estudada e cotejada em variadas áreas do conhecimento.

Como foi possível notar nas discussões deste artigo, para chegar à ideia de relações dialógicas, ou mesmo à difundida noção de dialogismo, foi preciso reconhecer algo de sistemático na linguagem que não é negado pelo Círculo, mas ampliado e debatido, tendo em vista, claro, as condições de leitura que se tinha de Saussure e do CLG à época de Bakhtin. Nesse escopo, foi meu objetivo, nestas linhas, aproximar o pensamento de dois grandes expoentes na área dos estudos da linguagem, Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin e o Círculo, estabelecendo um diálogo, a partir das entrelinhas teóricas, em duas dimensões: a

primeira se refere à crítica do Círculo endereçada ao pensamento saussuriano, considerando os aspectos históricos envolvidos na leitura da obra de Saussure pelos teóricos russos, e a segunda diz respeito à contrapalavra atual, que encontra terreno fértil nos dois pensamentos, para aprofundar as reflexões sobre língua e discurso.

A partir do procedimento adotado de contrastar os dois pensadores, verificando na obra bakhtiniana a presença de Ferdinand de Saussure, é possível apontar alguns caminhos para aprofundar o debate em torno das bases epistemológicas da área da Linguística, cuja preocupação central seja o estudo da relação entre língua e discurso. Em Bakhtin, fica evidente esse caminho quando relacionado ao pensamento saussuriano, ou seja, o filósofo russo e os outros integrantes do Círculo, como Medviédev e Volóchinov, têm preocupação com a singularidade dos processos discursivos, mas não conseguem perder de vista a sistematicidade da linguagem que lhes é subjacente.

Concordo com Clark e Holquist (2008, p. 37) quando mencionam que Bakhtin não exclui “a sistematicidade que caracteriza a linguística pós-saussuriana”, procurando “compreender a complexidade múltipla de elocuições específicas em situações particulares que, considera ele, têm sistematicidade diferente”. Ou seja, Bakhtin focaliza a sistematicidade das situações discursivas, colocando no centro a relação eu-outro e os valores sociais decorrentes dessa relação. Assim, ao contrastar os pensamentos de Bakhtin e de Saussure, pude observar que a alteridade é um ponto nodal nos dois autores, o qual se reverbera em caminhos distintos em ambos: em Saussure, a relação de alteridade parece caminhar da língua para o discurso, enquanto, para Bakhtin, o caminho é inverso.

Ademais, aproximar esses dois grandes pensadores, que, juntamente com alguns outros teóricos, sustentam as bases epistemológicas da Linguística atual, é uma estrada com muitas possibilidades a serem exploradas, considerando a riqueza conceitual das obras, bem como a revolução no campo das Ciências Humanas e das Linguagens que estas podem ainda proporcionar, por permitirem a compreensão da complexidade das relações entre a sociedade, a língua, o discurso e os sujeitos envolvidos nesse processo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A teoria do romance I: a estilística*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1999 [1963].

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920/1924].

BARBISAN, Leci Borges; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Estudos da enunciação: bases epistemológicas e perspectivas atuais. *Cadernos de pesquisas e linguística*, v. 5, n. 1, p. 5-25, 2010.

BARBISAN, Leci Borges. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. *In*: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 163-170.

BRAIT, Beth. A presença de Saussure em escritos de Mikhail M. Bakhtin. *In*: FARACO, Carlos Alberto (Org.). *O efeito Saussure: cem anos do curso de linguística geral*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 91-110.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa*, v. 56, n. 2, p. 371-401, 2012.

BRANDIST, Craig. Entrevista: Craig Brandist (Bakhtin Centre). [Entrevista cedida a] Patrícia Margarida Farias Coelho e Marcos Rogério Martins Costa. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 212-224, 2018.

BUBER, Martin. *Eu e Tu / Ich und Du*. Tradução, introdução e notas de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DI FANTI, Maria da Glória. Diálogo. *In*: FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* (Orgs.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* (Orgs.). *Dicionário de Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

TEIXEIRA, Marlene; FLORES, Valdir. Linguística da enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, v. 9, n. 16, p. 406-425, 2011.

MEDVIÉDEV, Pável. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

NUNES, Valfrido. Do sistema para o discurso: concepções de língua(gem) em Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin. *Revista Porto das Letras*, v. 3, n. 1, p. 7-26, 2017.

PAULA, Luciane; LUCIANO, José Antônio Rodrigues. Dialogismo Verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, v. 27, n. 49, p. 15-46, 2020.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. *Bivocalização e plurivocalização no culto televisivo show da fé: tensão entre fé, Mercado e publicidade*. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

RIBEIRO, Kelli da Rosa. Por uma visão dialógica da forma: contribuições do Círculo de Bakhtin para os Estudos da Linguística. *Entrepalavras*, v. 8, n. 2, p. 100-119, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em: 10/04/2023.

Aceito em: 08/07/2023.